

Revista *Blumenau em Cadernos*: passado e presente para o Vale do Itajaí - Santa Catarina (1957-1973)

DARLAN JEVAER SCHMITT*

O ano, 1957. O mês, novembro. Uma cidade do interior do Brasil, localizada no estado de Santa Catarina, na região sul do país. Essa cidade era Blumenau. De colonização predominantemente alemã iniciada em 1850, essa Blumenau do final da década de 1950 era uma cidade de grande importância no estado catarinense¹. Neste período, vivenciava os momentos de mudanças ocorridas durante esta década no restante do Brasil. Mudanças, como a introdução de novos aparelhos eletrônicos. Até então eram os rádios que apresentavam as informações de maneira eletrônica e os televisores entraram gradativa e discretamente neste mundo, apresentando o advento da informação com voz e imagem. Conseqüentemente, em Blumenau, estas mudanças têm reflexos na vida de seus cidadãos, entretanto ainda eram os impressos que apresentavam as novidades para a região. Enquanto categoria de impressos, cabia aos jornais esse papel de divulgador de informação.

Os jornais traziam reportagens sobre os acontecimentos e discussões marcantes do país naquele momento. No final da década de 1950, os blumenauenses contavam com três jornais², todos de frequência periódica: o jornal *A Nação*, que circulava desde 1943; o jornal *Cidade de Blumenau*, publicado desde o ano de 1924³; e o jornal *Lume*. O jornal *Lume*, que teve circulação na cidade entre 1949 e meados da década de 1970, apresentava como uma das manchetes de capa na edição do dia 07 de novembro de

* Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Servidor da Universidade Regional de Blumenau – FURB.

¹ Ver: VIEIRA FILHO, Ady. **As raízes da industrialização** – grupos empresariais catarinenses: origem e evolução. Florianópolis: Ed. do Autor, 1986. p. 80-106.

² Sobre a imprensa no Vale do Itajaí, ver: SILVA, J. Ferreira da. **A imprensa em Blumenau**. Florianópolis: Imprensa oficial do Estado de Santa Catarina, 1977. (Obra póstuma).

³ O jornal *Cidade de Blumenau* passou por mudanças em sua história. Originalmente chamava-se *A Cidade*. Entretanto, segundo ficha de registros do sítio do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, “Semanário blumenauense, cujo primeiro número veio a luz em 21/09/1924. Foram seus fundadores e redatores o poeta Octaviano Ramos, chefe da estação telegráfica de Blumenau e José Ferreira da Silva, escrivão do crime, civil e comércio. Posteriormente passou a chamar-se “*Cidade de Blumenau*””.

1957, “O Sr. Raul Pilla acha ser o general Lott o principal adversário do parlamentarismo”.

Outro fato destacado pelo *Lume*, durante o mês de novembro de 1957, é a saída de Nereu Ramos, tradicional político catarinense, do cargo de Ministro da Justiça do governo do presidente Juscelino Kubitscheck. O mês de novembro de 1957 ainda reservou uma intensa campanha em memória a extinta Ação Integralista Brasileira – AIB e seus membros falecidos em Santa Catarina. O jornal *Lume*, em especial, na edição do dia 17 de novembro de 1957, o *Lume* apresenta em sua capa uma foto de Plínio Salgado, presidente do Partido de Representação Popular – PRP⁴, com liderança políticas locais, entre elas o deputado estadual Honorato Tomelin, eleito pelo PRP catarinense. Em um texto inflamado, o jornal exalta encontro com o líder do PRP. Porém, o diretor-proprietário do jornal *Lume* era o próprio Honorato Tomelin.

A imprensa blumenauense no final dos anos da década de 1950, como em outros locais do país, reverberava as discussões nacionais. Também enfatizava as disputas locais, dando ênfase aos acontecimentos próprios da época. O passado nas páginas destes periódicos possivelmente não era rememorado, com exceção de situações de interesses particulares, como no caso do jornal *Lume* e a Ação Integralista Brasileira – AIB. Pode-se argumentar que o fato antigo e contextualizado para aquela realidade, não rendia manchete de primeira página.

Entretanto, um fato importante para a historiografia blumenauense (e, certamente, catarinense) não estava nos registros dos jornais locais naquele novembro de 1957. Seria o surgimento de mais um periódico. Mas, agora uma revista. E, tendo como fundador e editor, uma das figuras públicas mais interessantes do cenário blumenauense do século XX: José Ferreira da Silva. Afastado de Blumenau há alguns anos e residindo na cidade Curitiba, no estado do Paraná, o intelectual e político José Ferreira da Silva, figura importante da história blumenauense, lança naquele mesmo novembro a revista *Blumenau em Cadernos*. Este periódico seria um canal para

⁴ O Partido de Representação Popular – PRP foi criado por Plínio Salgado em setembro de 1945. Em seu contingente, reagruparam ex-integrantes da Ação Integralista Brasileira – AIB, conhecido popularmente como movimento Integralista. Plínio Salgado lançou – se candidato a Presidência nas eleições de 1955, vencidas por Juscelino Kubitscheck. Maiores informações sobre Plínio Salgado e a criação do PRP, ver: MERG, Camila Ventura. O Despertar da Nação: nacionalismo e espiritualismo na doutrina integralista. **Revista Eletrônica Cadernos de História**, Departamento de História da UPOF, ano I, n. 2, setembro de 2006. p. 01-13.

divulgação da história do Vale do Itajaí e conseqüentemente do estado de Santa Catarina. Todavia, inicialmente o foco deste impresso era Blumenau e sua história.

Assim, impreterivelmente a escrita da história é determinada por escolhas. A vontade expressa no texto de quem escreve, qualifica vencidos e vencedores ou heróis e vilões. Amparado por fontes, o historiador redige suas linhas em sintonia com fatos e personagens escolhidos premeditadamente para contar tal história.

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar – se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos momentos. (BENJAMIN, 1985: 223).

Personagens, fatos e lugares são os objetos de pesquisas particulares do historiador. E, particulares no sentido de serem escolhas pessoais; muitas vezes escolhas de um campo de atuação historiográfico.

As modalidades do agir e do pensar, como escreve Paul Ricoeur, devem ser sempre remetidas para os laços de interdependência que regulam as ações entre os indivíduos e que são moldados, de diferentes maneiras em diferentes situações, pelas estruturas de poder. Pensar assim a individualidade nas suas variações históricas equivale não só a romper com o conceito de sujeito universal, mas também a inscrever num processo a longo prazo [...] as mutações das estruturas da personalidade. (CHARTIER, 1989: 25).

Os recortes, sejam temporais e/ou temáticos, propiciam ao historiador estabelecer novos fatos e resignificar uma determinada interpretação de história. São estas escolhas que determinam as ausências. E, essas ausências podem dizer muito mais do que o complexo, conturbado e mais absoluto silêncio.

Os historiadores, ao contrario, empregam a abstração para superar uma restrição diferente, que é o distanciamento no tempo de seus objetos de estudo. Os artistas coexistem com os objetos os quais representam, sendo sempre possível para eles mudar a perspectiva, ajustar a luz, ou mover o modelo. Os historiadores não podem fazer a mesma coisa: o que eles representam está no passado, nunca poderá ser alterado. Porém, eles podem, por meio da forma peculiar de abstração que conhecemos como narrativa, retratar o movimento através do tempo, algo a que o artista pode somente aludir. (GADDIS, 2003: 29).

No caso específico da história da região do Vale do Itajaí, a publicação e divulgação da sua escrita foram suprimidas por alguns anos. Todo processo de ausência é carregado de justificativas, principalmente quando se quer construir uma verdade,

estabelecer uma memória. Para o Vale do Itajaí, essas justificativas são resquícios da Segunda Guerra Mundial, traumática para os descendentes de germânicos e italianos. Para compreensão da supressão desta região na historiografia catarinense é necessário destacar os antecedentes deste fato.

Na região do Vale do Itajaí, ocorreu forte processo de imigração européia no século XIX. Os europeus de origem germânica foram os predominantes. Entretanto, outras etnias como poloneses e italianos, também apresentaram levadas consideráveis de imigrantes. Oficialmente, a primeira leva de imigrantes alemães, estabeleceu-se na região em 1850, quando o farmacêutico Hermann Bruno Otto Blumenau⁵ iniciou seu processo de colonização da região. O processo de colonização foi iniciado como um empreendimento particular, mas as dificuldades encontradas na manutenção de uma empreitada deste porte, fizeram com que Hermann Blumenau repassasse a colônia, em meados de 1860, para administração do Império brasileiro.

Dezessete da Alemanha deram início à colonização, tendo à frente o doutor Blumenau, que durante vinte anos permaneceu na direção da colônia, embora esta, após dez anos de existência e devido a dificuldades financeiras, passasse de empreendimento particular a colônia oficial. [...]. Embora se contassem, entre os imigrantes iniciais, profissionais artesãos, ficou determinada, pelo fundador da colônia, a dedicação exclusiva ao trabalho na terra e a proibição do braço escravo. (HERING, 1987: 33).

Pode-se afirmar que a esses imigrantes foi reservada uma condição de dependência incondicional da colônia, e principalmente, da relação de prosperidade, tanto da colônia quanto do colono. De certa maneira, instaurou-se um isolamento causado não só pela localização geográfica, mas também pela condição de colono. Ser

⁵ Hermann Bruno Otto Blumenau era o sétimo filho de Karl Friedrich Blumenau e Cristiane Sofie Kegel. Nasceu em 26 de dezembro de 1819, na cidade de *Hassenfelde*, no ducado de *Brunswick*, no que viria a ser Alemanha. Na adolescência, em 1836, deixou os estudos e começou a trabalhar em uma farmácia, na cidade de *Blanckenburgo*, onde com a prática, aprendeu o ofício de farmacêutico. Em 1842 começa a trabalhar na fábrica de produtos químicos de Hermann Tromsdorff, na cidade de *Erfurt*. Em 1844, vai a Londres a trabalho e conhece o cônsul geral do Brasil na Prússia, João Sturz, onde, após forte propaganda, decide emigrar para o Brasil. Antes, pede demissão da fábrica e matricula-se na Universidade de Erlangen e em 23 de março de 1846 defende sua tese “*Die Alcaloide und die ihnen stammverwandten Salzbasen in Ihren Gesammverhaeltnisse und Beziehungen*”. Obtém o título de Doutor em Filosofia, sem ter concluído o curso ginásio. Em 1847, faz uma viagem pelo sul do Brasil e conhece as colônias alemãs já existentes no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Após a viagem, obteve informações, na administração da Província, sobre o Vale do Rio Itajaí e após vasta exploração, inicia seu empreendimento colonial, onde hoje se encontra o centro administrativo do município de Blumenau. Para mais informações, ver: SILVA, J. Ferreira da. **O Doutor Blumenau**. 2. ed. – Florianópolis: EDEME: Paralelo 27, 1995.

imigrante e, conseqüentemente colono em uma região como a do Vale do Itajaí na segunda metade do século XIX era certeza de encontrar dificuldades.

As dificuldades, no decorrer dos anos, fortaleceram a idéia em torno da união dos imigrantes alemães, ao ponto de suas representações sobre o que é estar no Brasil e longe da Alemanha criar uma maneira diferente de sociabilidade. Entretanto, esta percepção era uma ação governamental no campo das imigrações, e não relacionada diretamente ao isolamento das colônias, como aponta Seyferth:

A formação de uma cultura e de uma identidade étnica teuto-brasileira está relacionada ao processo histórico de colonização (ainda que compartilhado com imigrantes europeus de outras etnias). O que os brasileiros chamaram de "enquistamento étnico" dos alemães pouco tem a ver com o isolamento relativo das colônias; este resultou da própria condução da política de colonização e não da livre escolha dos imigrantes. (SEYFERTH, 1994: 106).

Esta identidade étnica solidificada pelos imigrantes alemães e por seus descendentes aflora um nacionalismo alemão no Brasil. Esta representação de germanidade foi chamada *Deuschtum*.

[...] Deuschtum será [...] analisado como um conceito que abarca uma ideologia étnica teuto - brasileira definida a partir de critérios apropriados do nacionalismo alemão – portanto, é uma ideologia nacionalista transformada ou modificada em ideologia étnica. [...] Deuschtum envolve tudo isto, mas [...] predominou, antes de tudo, o critério nacionalista, na medida em que o grupo étnico teuto – brasileiro se representa a partir daquilo que os ideólogos do nacionalismo alemão chamaram de Deuschtum, embora tal representação tenha sido modificada na “nova pátria”. Deve ser lembrado que nas colônias alemãs do sul do Brasil foi forjada uma consciência nacional peculiar que separa as noções de cidadania e nacionalidade (esta última baseada em normas culturais e raciais), e que produziu uma concepção de identidade étnica que engloba um componente ideológico nacional alemão. (SEYFERTH, 1981: 04).

O conceito de *Deuschtum* fica rotulado, na colonização germânica, como a representação dos imigrantes alemães e seus descendentes, não entrando no mérito da separação de conceitos como etnia e nacionalidade, ou grupo étnico e grupo nacional. Tanto, que esta visão sacralizada do conceito de *Deuschtum*, é um dos fatores que direciona o olhar do restante do país e de parte dos governantes no início do século XX para o Vale do Itajaí.

A idéia de uma possível ameaça à segurança nacional do Brasil por parte destes grupos alemães no sul, passa a ganhar força com a veiculação na imprensa e entre parte da intelectualidade brasileira da idéia de um ‘perigo alemão’.

[...] a imagem de uma conspiração para criar a Alemanha Antártica ou Meridional vinha sendo tramada por agentes de organizações alemãs, ou do próprio governo imperial alemão, foi ganhando contornos cada vez mais definidos e se instituiu como realidade ameaçadora a integralidade do território nacional brasileiro. (FALCÃO, 2000: 50).

Alguns jornais, entre eles ‘Gazeta de Notícias’, da capital federal, Rio de Janeiro, veiculava no final do século XIX e início do XX, artigos sobre a situação da germanidade no sul do Brasil. Com o título sugestivo de ‘Um Estado no Estado’, este jornal carioca inicia, em 1896, a representação⁶ de periculosidade das cidades do sul brasileiro, em especial Santa Catarina. Pode-se dizer que este ato sofre acréscimos negativos com o decorrer do século XX, onde temos fatos como a Primeira Guerra Mundial e o envolvimento do governo alemão neste evento.

[...] a imagem projetada pelos intelectuais e lideranças políticas que emergiam dentre os imigrantes alemães e seus descendentes acerca da sociedade que organizaram nessa região e das relações que ela deveria manter com o restante do país, imagem captada parcial e, por vezes, contraditoriamente, tanto pelos brasileiros que os admiravam, quanto por aqueles que os temiam. Sim, porque seria possível compreender os discursos elaborados em torno do “perigo alemão” (ou dos “quistos étnicos”, como eram chamadas as comunidades de imigrantes e de seus descendentes) enquanto parte de uma representação simbólica mais ampla que pretendia interpretar o Brasil e prescrever – lhe medidas para forjar uma nacionalidade autêntica, sem considerar tanto o papel desempenhado neste processo pela imagem construída em meio aos imigrantes e seus descendentes, sobre seu modo de vida e, principalmente, sobre o grau e as características de sua inserção na sociedade brasileira da época. (FALCÃO, 2000: 51).

A empreitada contra os moradores do Vale do Itajaí e principalmente, sua resposta aos futuros embates, pode ser analisada na perspectiva de BOURDIEU (1996: 110) sobre o discurso regionalista.

O discurso regionalista é um discurso performativo, que visa impor como legítima uma nova definição de fronteiras, e fazer conhecer a região assim delimitada como definição dominante e desconhecida enquanto tal (portanto, reconhecida e legítima) que a ignora. O ato de categorização, quando consegue fazer – se reconhecer ou quando é exercido por uma autoridade reconhecida, exerce por si só um poder: as categorias “étnicas” ou “regionais”, como, por exemplo, as categorias de parentesco, instituem uma

⁶ O conceito de representação é apresentado na perspectiva de CHARTIER (1989: 20), que entende “[...] a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro lado, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém”.

realidade valendo – se do poder de revelação e de construção exercido pela objetivação no discurso. (Grifos do autor).

Esta perspectiva possibilita interpretar as mudanças ocorridas nas atitudes de imigrantes alemães e seus descendentes em relação ao seu território original, no caso de Blumenau, a colônia que vira cidade. Em momentos coloniais e, ainda no início do século XIX, Blumenau, para seus moradores, é vítima de negligência e isolamento por parte do governo do Brasil e, conseqüentemente dos brasileiros. E, para tal alegação ser mais verídica e ocasionar a aproximação ao mito de origem alemão da cidade, as soluções nascem na própria região⁷. Essas evidências apontam que, essa construção regionalista, teve reflexos na política de nacionalização do Governo Vargas na década de 1930.

Criador e Criatura: surge uma revista

A revista *Blumenau em Cadernos* aparece como um periódico disposto a divulgar fatos importantes para a região do Vale do Itajaí. Todavia, seu editor - José Ferreira da Silva - aproveitou, premeditadamente ou não, o momento editorial das revistas nacionais.

O fenômeno da criação de novas revistas na década de 1950, não era um caso localizado, e sim uma tendência nacional. O mercado de revistas estava em expansão em nível nacional, onde dois segmentos, revistas de consumo e revistas especializadas cresciam junto com editoras nacionais.

O mercado de revistas é dividido no mundo inteiro em dois grandes blocos: as revistas de consumo, destinadas ao grande público, que são vendidas em bancas e em outros pontos de varejo e por assinaturas; e as especializadas, que em sua maioria são gratuitas, chegam a seus leitores por mala direta e tratam de temas que interessam a segmentos específicos de grupos de profissionais. Ao analisar a história da imprensa brasileira, constata-se que o panorama das revistas de consumo era relativamente pobre quando, em junho de 1950, Vitor Civita, lançou o Pato Donald. Nascia ali a empresa

⁷ Em vários momentos da historiografia de Blumenau, aparece a solução de problemas locais sem atuação dos governos estadual e federal. A prática recorrente na cidade era resolver os problemas sozinho quando uma negação desta natureza ocorria. Por exemplo, em 1903, uma ponte na cidade foi construída com o auxílio do empresariado local, onde o “[...] governo do Estado, alegando outros compromissos, nega-se a concluir a ponte sobre o ribeirão Garcia – uma construção em pedras orçada em 100 contos de réis” (ACIB, 1989: 11). Outro exemplo é a construção e inauguração da primeira usina hidroelétrica do Vale do Itajaí, pela iniciativa privada e com o apoio da Alemanha, em 1915 (ACIB, 1989: 21).

editorial que dominaria o mercado em poucos anos. Éramos um país de 52 milhões de habitantes, uma população da qual só cerca de um terço vivia nos grandes centros urbanos. As revistas importantes de consumo eram muito poucas. A mais vendida era O Cruzeiro, de Assis Chateaubriand, lançada em 1928, antes mesmo que o modelo das semanais ilustradas tivesse sido reinventado por Life, em 1936, nos Estados Unidos. A Manchete, de Adolfo Bloch, só seria lançada em 1952. (CORRÊA, 2008: 207).

Este movimento de crescimento das grandes editoras e do surgimento de novos segmentos de revistas tem reflexos em todo país. A possibilidade de estímulos a publicações locais e temáticas, como o caso de *Blumenau em Cadernos*, seguia esta tendência nacional, onde,

O crescimento da imprensa brasileira nos anos 1950 e 1960, em especial do mercado das revistas, [...], não se deveu apenas ao interesse destas grandes editoras nacionais. Mesmo possuindo domínio quase absoluto neste mercado, a ampliação do poder da imprensa periódica não se resumia ao monopólio de três ou quatro revistas, mas também ao crescimento de forma generalizada, em todo território nacional, no número de novos periódicos. (PEREIRA, 2006: 67).

O parque gráfico brasileiro, como anteriormente destacado, estava em franco crescimento, e nesse momento, coincidentemente com o período, o primeiro número da revista *Blumenau em Cadernos* surge, em novembro de 1957.

E aparece longe de Blumenau, no município de Curitiba/PR, onde José Ferreira da Silva estava residindo. Entretanto, a distribuição da revista acontecia em Blumenau e região. O primeiro número apresentava evidência para essa afirmativa, já que na página 20, aparecia nota com menção ao endereço de correspondências para uma caixa postal em Blumenau, sob a administração e responsabilidade de E. Ferreira da Silva. Seria esta mesma caixa postal também a responsável por receber os pedidos de assinaturas e de compras avulsas dos exemplares. Mesmo em Curitiba, Ferreira da Silva tinha uma logística de distribuição e afiliação de novos assinantes em Blumenau. Posteriormente, já na década de 1960 aparece, além de E. Ferreira da Silva, o nome de Frederico Kilian como um dos responsáveis por *Blumenau em Cadernos*.

A capa do primeiro exemplar apresentava a reprodução de uma fotografia em duas cores da Praça Doutor Blumenau, localizada na região central de Blumenau, próximo à Prefeitura e à Câmara Municipal de Vereadores. Entretanto, o que chamava a atenção era a estátua do fundador da cidade, Hermann Bruno Otto Blumenau, o Doutor Blumenau, inaugurada durante o período em que Ferreira da Silva foi prefeito de Blumenau entre 1938 e 1941. Apresentando a estátua de Doutor Blumenau, o heróico

fundador da cidade, seria mais uma estratégia para atrair os olhares dos leitores, sobretudo do Vale do Itajaí. Maria Teresa Santos Cunha nos apresenta um olhar sobre as capas de livros, que permeiam a leitura do conseqüente texto.

As imagens que estampam as capas dos livros podem ser decifradas como um conjunto de signos, como um suporte para representações ideológicas; a linguagem dos títulos aguça a imaginação e faz pensar no seu conteúdo, e a linguagem das disposições tipográficas pode dar uma organização mais ou menos clara à leitura. Isso nunca escapa aos leitores [...]. (CUNHA, 1999: 51).

Esta perspectiva também é passível de ser adotada no caso de revistas, como *Blumenau em Cadernos*. Tais estratégias, como signos, forma das letras, disposição das palavras, entre outras, são comuns a impressos de maneira geral, como livros e revistas.

O primeiro número saiu com tiragem limitada⁸ e produzida na Tipografia de João Haupt em Curitiba/PR (FERREIRA; PETRY, 1996: 95). Mesmo produzida no Estado vizinho, a revista tinha a intenção de relatar a historiografia da região do Vale do Itajaí e, conseqüentemente Blumenau. Já no primeiro editorial, Ferreira da Silva, deixa claro essa intenção:

Traremos o passado e o presente de Blumenau, contados e registrados em cadernos mensais, sem outras pretensões que não as de concorrer com o nosso esforço e o pouco de inteligência que Deus nos deu, para tornar mais conhecida a história do município mais estimada e venerada a memória dos homens que fizeram a sua grandeza atual e para que o exemplo desses pioneiros sirva de orientação e de estímulo aos que, na hora que passa, trabalham por que nosso futuro não seja menos glorioso que nosso passado. (SILVA, 1957: 01).

Apesar de não assinar o editorial, posteriormente se saberá que Ferreira da Silva é o editor e fundador da revista, evidenciando que este texto também seria seu. No trecho acima extraído do editorial, o autor se coloca como alguém que com esforço e com “a pouca inteligência que Deus” lhe deu, cumprirá seu papel. São palavras que, de certa maneira, martirizam o autor e o assemelham ao leitor local, descendente de imigrante e trabalhador esforçado.

Nesta mesma linha ideológica, todo o restante do editorial do primeiro número, enaltece o valor da população local e principalmente, seus descendentes. A começar pelo título da publicação, *Blumenau em Cadernos*. O primeiro contato do futuro leitor

⁸ Não há registros da quantidade de exemplares impressos da Revista *Blumenau em Cadernos*. A única informação, apresentada com frequência, é a condição de “tiragem limitada”.

do periódico com o nome da publicação, já o convida a folhear o exemplar. Lógico, se esse leitor for blumenauense e morador do Vale do Itajaí, tal curiosidade seria mais aguçada.

O formato da revista seguia os padrões que lembravam o formato de um caderno escolar pequeno. Segundo o próprio Ferreira da Silva, a revista *Blumenau em Cadernos* apareceu com periodicidade mensal “[...] em 20 páginas de texto, formato 16,5 x 23 cm, com capa ilustrada em duas cores” (SILVA, 1977: 140). A diagramação de cada página seguia a lógica do tamanho dos textos. Um texto poderia ser dividido em duas colunas, quando este era de grande extensão ou o texto ocuparia toda a página, quando as proporções eram adequadas ao tamanho da página.

José Ferreira da Silva procura, nas páginas seguintes desta primeira edição (a de número 01 (um)) bem como em todo seu período como editor, esboçar um espaço onde os leitores encontrem um lugar confortável; um lugar conhecido. Seria o espaço onde os antepassados apareceriam e as personalidades da época estariam em evidência. Assim, a revista assume também a perspectiva de um lugar de memória, ou seja, ela funciona como propulsora de lembranças, na perspectiva apontada por NORA (1993: 13) em que “[...]os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notoriar atas, porque estas operações não são naturais”. A revista *Blumenau em Cadernos* apresentava uma possibilidade dos leitores se enxergarem na região do Vale do Itajaí e na cidade de Blumenau, refletindo sobre eles e reconhecerem seus próprios espaços de vida cotidiana como portadores de memória.

Com o avanço e a aceitação do periódico, Ferreira da Silva, além dos artigos, passa a adotar a transcrição de documentos oficiais. Entretanto, um incêndio no Arquivo Histórico Municipal, em 1958, elimina boa parte destes documentos, muitos inéditos, e não publicados ainda (FERREIRA; PETRY, 1996: 90). Os que restaram, principalmente os documentos oficiais do período Colônia Blumenau, passaram a ser transcritos e publicados. Este ato reforça ainda mais a memória dos leitores do periódico. *Blumenau em Cadernos* poderia ser o monumento deste passado ameaçado por cinzas e labaredas, como aponta Carla Fernanda da Silva.

Em novembro de 1958, acontece o incêndio da Prefeitura, ocorrendo uma enorme perda de documentação do Arquivo Municipal e do Fórum. Assim, a Revista Blumenau em Cadernos e Ferreira da Silva tornam-se porta-vozes da história da cidade, pois era ele quem possuía cópias da maioria da documentação extraviada no incêndio. Nos primeiros anos, os Relatórios da Colônia escritos por Hermann Blumenau são publicados por Ferreira da Silva, permitindo a socialização de informações e também uma reaproximação com Blumenau. (SILVA, 2009: 34).

As seções temáticas também foram agregadas ao corpo da revista. Desde o primeiro número, algumas seções apareciam esporadicamente, como as intituladas ‘Figuras do Passado’ e ‘Figuras do Presente’, onde a vida de personalidades locais e estaduais era valorizada. Entretanto, algumas seções mereceram maior atenção editorial de seu fundador. Isso é evidenciado por estas seções ou serem assinadas por colaboradores ou, aparecerem com maior frequência que as outras. Algumas seções constantes eram ‘Vasculhando Velhos Arquivos’, organizada pelo colaborador Frederico Kilian, que transcrevia documentos administrativos e históricos; ‘Estante dos ‘Cadernos’’, onde Ferreira da Silva apresentava os livros e periódicos recebidos pela editoria, e colocados em lugar de destaque nas páginas de *Blumenau em Cadernos*.

Os colaboradores foram partes fundamentais na sedimentação da revista *Blumenau em Cadernos* como um dos periódicos históricos mais importantes do Estado de Santa Catarina. Participaram da Revista com artigos, opiniões, transcrições e traduções, historiadores e pesquisadores de todo Estado de Santa Catarina, deixando clara a idéia de expansão que Ferreira da Silva pretendia com seu periódico. Segundo Carla Fernanda da Silva, “Ferreira da Silva acreditava que a amizade entre historiadores, por meio da troca de documentos e informações poderia estabelecer uma relação com a verdade histórica [...]” (SILVA, 2009: 35).

Entre as colaborações de pesquisadores de Santa Catarina, podem ser citadas do Almirante Lucas A Boiteux (com textos sobre o litoral catarinense), de Carlos Ficker (escrevendo sobre a região norte de Santa Catarina), do Padre Raulino Reitz (com textos sobre arqueologia e geologia, focados no território catarinense), Walter Fernando Piazza (escrevendo sobre a historiografia catarinense, de um modo geral), Marcos e Gustavo Konder (seus textos discorriam sobre o litoral norte de Santa Catarina, destacando-se o município de Itajaí), Victor Lucas (escrevendo sobre a região conhecida como Alto Vale do Rio Itajaí), Ayres Gevaerd (escrevendo sobre o Vale do Rio Itajaí-Mirim, onde ficava a cidade de Brusque), entre muitos outros colaboradores.

No período em que José Ferreira da Silva ficou à frente da Revista *Blumenau em Cadernos* como editor, entre novembro de 1957 e dezembro de 1973, foram publicadas 155 revistas, totalizando mais de três mil páginas de historiografia regional. O periódico nasceu com uma perspectiva de periodicidade mensal, entretanto, em alguns momentos, certos números contemplaram dois ou três meses. Este fato de junção de vários números em uma mesma edição aconteceu em situações onde José Ferreira da Silva quis apresentar em uma só edição textos que tinham mais que as habituais 20 páginas de cada edição. O que ocorreu no tomo V, referente ao ano de 1962, na edição conjunta de número 06, 07, 08, 09 e 10, correspondente aos meses de junho, julho, agosto, setembro e outubro. Nesta edição aparece o texto de 60 páginas do Tenente-Coronel Henrique Oscar Wiederspahn, intitulado, 'Blumenau na História Militar Brasileira', falando sobre as participações de militares blumenauenses em operações bélicas nacionais.

Quanto à manutenção financeira da revista, Ferreira da Silva alegava no início que mantinha a revista com recursos próprios (FERREIRA; PETRY, 1996: 90). Entretanto, as rendas para confecção da revista e todas as despesas que ela poderia ocasionar vinham, comprovadamente de outras rendas. Uma delas seria a venda de assinaturas. Conforme visto anteriormente, a divulgação da possibilidade da venda de assinaturas ocorreu desde o primeiro número e com logística instalada em Blumenau.

Ferreira da Silva também obteve apoio governamental nos anos em que esteve à frente de *Blumenau em Cadernos*. A Lei Ordinária nº 841 do município de Blumenau, de 19 de setembro de 1958, trazia em seu texto, no Art. 1º, "Fica concedida uma subvenção de 3.000,00 (três mil cruzeiros) mensais à publicação "*Blumenau em Cadernos*", mensário dedicado à história e aos interesses do Vale do Itajaí". O apoio financeiro ocorria vinculado a alguns compromissos assumidos pelo editor do periódico, como o repasse de cem exemplares de cada número ao município. Esta lei apresenta, além da informação da contribuição financeira do governo municipal, um indício para a quantidade de revistas impressas. No mínimo, cem exemplares eram impressos, pois precisavam ser repassados ao município de Blumenau. A prática do apoio a *Blumenau em Cadernos*, através de leis municipais ocorreu em outras ocasiões durante o período em que José Ferreira da Silva esteve como editor.

José Ferreira da Silva buscou outras possibilidades de financiamento para sua revista. O apoio de empresas, profissionais liberais e particulares, era constante nas

páginas de *Blumenau em Cadernos*. Ferreira da Silva destinava a contracapa, a terceira capa e a quarta capa, para veiculação de anunciantes. O espaço interno da revista era destinado às publicações de artigos e notas informativas, nunca divulgando propagandas de patrocinadores nas páginas internas. Os anúncios apareciam em vários formatos, com página inteira, meia página ou um quarto de página, e na maioria das vezes traziam fotos em duas cores.

Os maiores anunciantes durante a editoria de Ferreira da Silva foram tradicionais empresas blumenauenses, ligadas a famílias de descendência direta dos primeiros anos da colônia e que, possivelmente teriam satisfação em ver os seus feitos nas páginas de *Blumenau em Cadernos*. Podemos citar as seguintes empresas: Eletro-Aço Altona S/A, com 27 anúncios; Fábrica de Gazes Medicinais Cremer S/A, com 25 anúncios; Indústria Têxtil Companhia Hering, com 24 anúncios; Empresa Industrial Garcia S.A., com 18 anúncios; e, Companhia Comercial Schrader, com 14 anúncios.

Na edição número 10, do ano de 1965 da revista *Blumenau em Cadernos*, apareceu pela primeira vez uma menção ao apoio financeiro de empresas e pessoas físicas a cada edição. A condição de cooperador ou colaborador era diferente da de anunciante, pois efetivamente não era uma propaganda, e sim só a menção do nome do doador do recurso. Estes apoiadores tinham espaço reservado na contracapa das edições. Além dos anunciantes, dos recursos obtidos através de verba pública municipal, o periódico ainda obteve ajuda financeira de doações para algumas edições publicadas.

É perceptível que o apoio de novos financiadores ou, como chama Ferreira da Silva, cooperadores está ligado à crescente aceitação e propagação da revista entre novos leitores. O número de edições em que esta prática ocorre é crescente, tanto que em janeiro de 1973, quando *Blumenau em Cadernos* estava já bem conceituada e reconhecida, obteve o maior número de doações, chegando a 18 menções de doadores ou cooperadores, de cidades dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná, que provavelmente não teriam nenhuma visibilidade em artigos na revista.

Este fator de aumento dos cooperadores durante os anos de publicação da revista, também leva a pensar sobre a circulação e divulgação de *Blumenau em Cadernos*. Quanto à circulação da Revista *Blumenau em Cadernos*, sabe-se que era vontade de Ferreira da Silva que preferivelmente fosse “[...] distribuído entre intelectuais e pessoas interessadas no conhecimento do passado de Blumenau”

(FERREIRA; PETRY, 1996: 96). Entretanto, com o número de cooperadores, colaboradores e anunciantes de outras localidades que não Blumenau, Ferreira da Silva precisava apresentar textos e imagens de outros espaços e outras temáticas. Evidentemente não abandonando o viés historiográfico. Segundo DARNTON (2010: 125), os livros impressos apresentam um ciclo de vida comum, independente de época ou região. As respostas de como os textos são aceitos é estabelecida na relação entre leitor e autor, onde um interfere na maneira do outro ver o texto. Tal lógica também poderia ser aplicado para um periódico impresso, como *Blumenau em Cadernos*, com a forte intermediação do editor.

Este pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor [...], ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor. O leitor encerra o ciclo porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição. Os próprios autores são leitores. [...] Assim o circuito percorre um ciclo completo. Ele transmite mensagens, transformando-as durante o percurso, conforme passam do pensamento para o texto, para a letra impressa e de novo para o pensamento. (DARNTON, 2010: 126).

Pretensiosamente, desde o primeiro exemplar, Ferreira da Silva buscava ampliar seus leitores e assinantes. A inserção da historiografia de cidades da região marca a perspectiva dessa ampliação territorial. Além de artigos sobre cidades como Itajaí, Gaspar, Florianópolis e Rio do Sul, a transcrição de documentos e o emprego de imagens destes municípios também foram estratégias utilizadas. Para corroborar convém destacar que a Revista *Blumenau em Cadernos* nasce, no primeiro número em 1957, como “Mensário dedicado à história e aos interesses e a História do Vale do Itajaí”, focando seus artigos em Blumenau; e transforma-se durante os anos, no “Órgão destinado ao Estudo e divulgação da História de Santa Catarina”, ainda na década de 1960.

Este é um exemplo de como José Ferreira da Silva buscou para sua revista uma possibilidade de inserção no meio impresso historiográfico catarinense, órfão de publicações deste gênero. A referência era a *Revista do IHGSC*, que neste período entre 1957 e 1973 não estava em circulação⁹, voltando a circular somente em 1979. Com esta lacuna, a possibilidade de construção de uma historiografia dita catarinense nas páginas

⁹ Ver: GONÇALVES, Janice. Sombrios umbrais a transpor: Arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX. 2006. 444 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em História Social, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. p. 53-65.

da Revista *Blumenau em Cadernos* seria implicitamente um dos objetivos de Ferreira da Silva. Além de caminho para a reconstrução de sua biografia intelectual, a revista poderia naquele momento, ser uma nova propagadora do ato de escrever a história catarinense.

As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio das forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subndem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são alias um lugar precioso para a análise do movimento das idéias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão. (SIRINELLI, 1996: 249).

A adesão de pesquisadores ligados ao IHGSC, que passaram a colaborar com textos em *Blumenau em Cadernos*, desde o segundo exemplar (tomo I, dezembro de 1957, nº 02), auxiliou na sedimentação da revista. A construção da historiografia local apresenta um cunho laudatório¹⁰ mitificando e valorizando seus personagens, e este aspecto é um dos maiores destaques da revista *Blumenau em Cadernos* no período editorial de José Ferreira da Silva.

Ferreira da Silva é percebido pela sociedade como um 'homem de letras', que inicia sua carreira em jornais e depois se dedica à escrita da história da cidade, em sua compreensão, suas atividades como escritor o caracterizavam como um intelectual. Porém, longe de contestar as normas da sociedade, estava ali para escrever a história pela interpretação dos vencedores. Longe de fazer uma história a contrapelo, Ferreira cobria o que considerava as imperfeições da história e dos heróis eleitos por ele. (SILVA, 2008: 14)

Entretanto, esta tônica discursiva não invalida seu uso como fonte histórica, pois esta forma de construir História tem um cunho geracional, próprio da produção historiográfica do período e da região geográfica, constituindo um estilo de época e de concepção de História. E, *Blumenau em Cadernos*, constitui um vasto campo de pesquisa historiográfica regional, aberto a novas interpretações.

¹⁰ Convém destacar que ser laudatória era uma das características deste período histórico, constituindo uma prática comum entre os pesquisadores da história regional.

Referências

- ACIB 90 anos de memória. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas** (vol. 1: magia e técnica, arte e política). São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1989.
- CORRÊA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. In: LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (orgs). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p.207 – 232.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. (Historial, 2).
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX**. Itajaí: Editora da UNIVALI, 2000.
- FERREIRA, Cristina; PETRY, Sueli Maria Vanzuita. **José Ferreira da Silva: centenário de nascimento**. Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau, 1997.
- GADDIS, John Lewis. **Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- HERING, Maria Luiza Renaux. **Colonização e Indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento**. Blumenau: Editora da FURB, 1987.
- MERG, Camila Ventura. O Despertar da Nação: nacionalismo e espiritualismo na doutrina integralista. **Revista Eletrônica Cadernos de História**, Departamento de História da UPOF, ano I, n. 2, setembro de 2006. p. 01-13.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, PUC - SP**. Nº 10, 1993.
- PEREIRA, Silvio Luiz Gonçalves. **Seleções do Reader's Digest, 1954 – 1964**. Um mapa da intolerância política. 2006. 313 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em História Social, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado Brasileiro. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 9, n. 26, p. [103]-122, out. 1994. (Fonte: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm acessado em 13/06/2010).

SILVA, Carla Fernanda da. **Grafias de luz**: a narrativa visual sobre a cidade na Revista Blumenau em Cadernos. Blumenau: Edifurb, 2009.

SILVA, José Ferreira da. A que viemos. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau – SC, tomo I, n. 1, nov. 1957, p. 01.

SILVA, J. Ferreira da. **A imprensa em Blumenau**. Florianópolis: Imprensa oficial do Estado de Santa Catarina, 1977. (Obra póstuma).

SILVA, J. Ferreira da. **O Doutor Blumenau**. 2. ed. – Florianópolis: EDEME: Paralelo 27, 1995.

SIRINELLI, Jean - François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p.231 – 270.

VIEIRA FILHO, Ady. **As raízes da industrialização** – grupos empresariais catarinenses: origem e evolução. Florianópolis: Ed. do Autor, 1986